**MONKEYPOX EM HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Mendes Carlos, Artur¹

Wohnrath Leão, Ivy Carollyne2

Dantas Ribeiro, Vitória3

Leão Souza, Guilherme4

Vieira Prata, Henrique5

Costa Cutrim, Bruno6

Oliveira da Conceição, Giovana7

Carvalho de Sousa, Carlos Emanuel8

Pinheiro Maia de Araújo, Cristiane9

**RESUMO:** O surto global de monkeypox (mpox) em 2022 apresentou uma mudança significativa nos padrões epidemiológicos tradicionais, afetando predominantemente homens que fazem sexo com homens (HSH). **Objetivo:** Esta revisão integrativa buscou analisar os fatores de risco e padrões de transmissão da mpox em HSH. **Metodologia:** Foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, incluindo artigos publicados entre 2022 e 2024. **Resultados e Discussão:** Os achados demonstraram que 83-99% dos casos ocorreram em HSH, com alta prevalência de lesões anogenitais (90-94%) e significativa coexistência de outras ISTs (25-50%). A análise também revelou uma disposição de 77% para vacinação entre HSH. **Conclusão:** Os resultados destacam a necessidade de estratégias de saúde pública culturalmente sensíveis que equilibrem eficácia preventiva e combate ao estigma, considerando determinantes sociais e comportamentais na transmissão da doença.

**Palavras-Chave:** Monkeypox; MSM; Fatores de risco; Saúde pública.

**Área Temática:** Prevenção e Promoção da Vigilância em Saúde

**E-mail do autor principal:** artur.carlos@academico.unirv.edu.br

¹Medicina, Universidade de Rio Verde, Rio Verde - Goiás, artus.carlos@academico.unirv.edu.br.

¹Medicina, Universidade de Rio Verde, Rio Verde - Goiás, ivycarollyne18@gmail.com.

¹Medicina, Universidade de Rio Verde, Rio Verde - Goiás, vitoria.ribeiro@academico.unirv.edu.br.

¹Medicina, Universidade de Rio Verde, Rio Verde - Goiás, guilherme.l.souza@academico.unirv.edu.br.

¹Medicina, Universidade de Rio Verde, Aparecida - Goiás, henriquevieiraprata@gmail.com.

¹Medicina, Centro Universitário do Maranhão, São Luís – Maranhão, p98777259@gmail.com.

¹Medicina, Centro Universitário do Maranhão, São Luís – Maranhão, giovanamed31@gmail.com.

¹Medicina, Universidade do Estado do Pará, Marabá – Pará, carlosemanuelc1234@gmail.com.

¹Profa. EBTT, Instituto Federal do Maranhão, Açailândia - Maranhão, maiacp1@hotmail.com.

**1. INTRODUÇÃO**

A emergência da varíola dos macacos (monkeypox/mpox) como uma preocupação global de saúde pública em 2022 representou um marco significativo na vigilância de doenças infecciosas emergentes. Nesse cenário, a declaração da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pela OMS não apenas evidenciou uma mudança significativa no padrão de disseminação desta zoonose, como também alertou para sua expansão sem precedentes para além do continente africano, onde tradicionalmente permanecia restrita (Thornhill; Gandhi; Orkin, 2023).

Inicialmente identificado em 1958, o vírus mpox, um Orthopoxvirus, manteve-se por décadas limitado a surtos esporádicos na África Central e Ocidental. Entretanto, o padrão de transmissão observado durante o surto global de 2022 apresentou características notadamente distintas, sobretudo pela concentração expressiva dos casos entre homens que fazem sexo com homens (HSH), contrastando significativamente com os padrões históricos de transmissão zoonótica até então observados nas regiões endêmicas (Sharif; Dey, 2023).

No que diz respeito às manifestações clínicas, o surto global também revelou particularidades que o distinguem dos casos históricos descritos em regiões endêmicas. Nesse sentido, destacou-se principalmente a predominância de lesões anogenitais e manifestações mucocutâneas, sendo que, ademais, pessoas vivendo com HIV, especialmente aquelas com baixas contagens de CD4, demonstraram maior propensão a desenvolver quadros mais graves (Thornhill; Gandhi; Orkin, 2023).

Além disso, a interação entre comportamentos de risco e determinantes sociais da saúde demonstrou-se crucial para a compreensão da dinâmica de transmissão. A esse respeito, diversos estudos apontaram que o uso de substâncias psicoativas pode não somente influenciar o aumento do número de parceiros sexuais, mas também contribuir para a diminuição da resposta imunológica, consequentemente aumentando a vulnerabilidade à infecção (Vallée, 2022).

Por outro lado, um dos principais desafios na resposta ao surto consistiu no desenvolvimento de estratégias de comunicação em saúde que fossem, simultaneamente, efetivas e não estigmatizantes. Diante disso, a divulgação do alto percentual de casos entre HSH, bem como as recomendações para redução do número de parceiros sexuais, suscitaram importantes debates na comunidade científica, uma vez que alertavam sobre o risco de reativação de discursos discriminatórios semelhantes àqueles observados durante as primeiras décadas da epidemia de HIV/aids (Pinheiro; Bahia, 2023).

No âmbito da saúde pública, tanto a vigilância epidemiológica quanto o acesso aos serviços de saúde emergiram como pilares fundamentais na resposta ao surto, ressaltando, assim, a importância de sistemas de saúde resilientes e inclusivos. Dessa forma, a integração entre diferentes níveis de atenção à saúde, aliada à capacidade de adaptação dos serviços, mostrou-se determinante para uma resposta efetiva (Acharya et al., 2024).

Diante deste complexo panorama, esta revisão integrativa tem como objetivo identificar fatores de risco e tendências de prevalência, visando, portanto, contribuir para uma compreensão mais profunda do impacto da doença nesta população específica. Por fim, a análise sistemática das evidências disponíveis busca fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias preventivas mais eficazes e culturalmente apropriadas, levando em consideração a multiplicidade dos determinantes envolvidos na transmissão e no controle da mpox.

**2. MÉTODO OU METODOLOGIA**

Essa pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura sobre a monkeypox, com foco na prevalência da doença em homens que fazem sexo com homens (HSH). A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, utilizando dois grupos de palavras-chave: “Mpox” e “Msm”; “Mpox”, “Msm”, “Prevalence” e “Risk factors”, combinadas pelo operador booleano AND. O método de busca utilizado foi PRISMA.

Os critérios de inclusão abrangeram ensaios clínicos, metanálises, estudos randomizados, controlados, análises e revisões sistemáticas, publicados entre 2022 e 2024 (esse período abrange o surto recente da doença, permitindo uma análise atualizada das tendências epidemiológicas e uma compreensão mais precisa do impacto da monkeypox nesta população específica), em inglês ou português, com texto completo disponível gratuitamente.

A pesquisa é caracterizada como básica, qualitativa, exploratória e bibliográfica. Inicialmente foram identificados 24 artigos. Nesta revisão foram incluídos 12 artigos, visando garantir uma análise completa e aprofundada, abordando diferentes aspectos da epidemiologia e dos fatores de risco da monkeypox. Por outro lado, foram excluídos trabalhos em outros formatos ou idiomas, estudos que não abordavam diretamente o tema escolhido, e aqueles não disponíveis na íntegra nas bases de dados mencionadas.

Figura 1 Fluxograma PRISMA utilizado nesta revisão



Fonte: Elaborado pelos autores.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**3. RESULTADOS E DISCUSÕES**

Em consonância com os aspectos apresentados na introdução, a análise dos dados epidemiológicos do surto de mpox em 2022 revelou padrões distintivos que corroboram a mudança significativa na dinâmica de transmissão da doença. Nesse sentido, a predominância da infecção entre homens que fazem sexo com homens (HSH) não apenas confirmou as observações iniciais, como também evidenciou a necessidade premente de estratégias de saúde pública específicas e culturalmente sensíveis (Thornhill; Gandhi; Orkin, 2023; Acharya et al., 2024).

No que tange aos desafios na comunicação em saúde mencionados na introdução, observou-se que, embora tecnicamente fundamentadas, as recomendações da OMS para HSH podem ter contribuído para intensificar o estigma associado a essa população. Sendo assim, a ênfase na redução do número de parceiros sexuais, ainda que baseada em evidências epidemiológicas robustas, acabou por gerar debates importantes sobre a necessidade de equilibrar a eficácia da prevenção com a proteção contra a discriminação (Martín-Delgado et al., 2022; O'Byrne; Macpherson; Orser, 2024).

No que diz respeito à análise da interação entre comportamentos de risco e determinantes sociais da saúde, identificou-se que a transmissão do vírus, sobretudo através do contato físico próximo, apresenta complexidades adicionais quando considerado o contexto social dos indivíduos afetados. Ademais, a detecção do vírus em amostras anais, orais e seminais não só corrobora com os dados apresentados na introdução sobre a predominância de lesões anogenitais, como também estabelece uma clara correlação com os padrões de transmissão observados (Sharif; Dey, 2023; Acharya et al., 2024).

No que diz respeito aos fatores de vulnerabilidade identificados durante o surto, os estudos apontam para uma complexa interação de determinantes sociais e comportamentais. Entre estes, destaca-se a coexistência de outras condições de saúde, incluindo infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em 25-50% dos casos (Dudani et al., 2023), assim como o uso de substâncias psicoativas (Vallée, 2022). Tais dados reforçam a importância de uma abordagem integrada e holística na prevenção e tratamento, que considere não apenas os aspectos biomédicos, mas também os contextos sociais e as necessidades específicas de saúde dos indivíduos afetados.

É fundamental ressaltar que, embora os dados epidemiológicos demonstrem uma concentração de casos na comunidade HSH durante o surto de 2022, com mais de 95% das infecções identificadas neste grupo (Khan; Perveen, 2024), esta distribuição não caracteriza a mpox como uma infecção sexualmente transmissível exclusiva ou uma doença restrita a qualquer grupo populacional específico. Pelo contrário, tal concentração pode ser compreendida através de uma análise mais ampla que considera diversos fatores socioepidemiológicos, incluindo redes sociais e sexuais específicas, práticas que envolvem contato físico próximo, e, notadamente, uma maior conscientização e proatividade na busca por cuidados de saúde dentro desta comunidade (Thornhill; Gandhi; Orkin, 2023).

Nesse contexto, a alta disposição para vacinação entre HSH, com taxa agrupada de 77,0% (IC 95%: 73-81%) (Liu et al., 2024), demonstra o compromisso desta comunidade com a saúde pública e o autocuidado, refletindo uma resposta responsável e engajada às estratégias de prevenção. No entanto, as disparidades regionais no acesso à vacinação ainda refletem os desafios estruturais dos sistemas de saúde, reforçando, portanto, a necessidade de fortalecer a capacidade de resposta em diferentes níveis de atenção, garantindo equidade no acesso aos serviços de saúde para todas as populações vulneráveis.

Esta distribuição demográfica particular do surto de 2022 evidenciou a importância de se desenvolver estratégias de saúde pública que sejam simultaneamente direcionadas e inclusivas. Por um lado, é necessário abordar as necessidades específicas das populações mais afetadas com intervenções culturalmente apropriadas e efetivas; por outro, deve-se garantir que tais estratégias não promovam estigma ou discriminação, mantendo a vigilância e o acesso aos cuidados de saúde universais (Pinheiro; Bahia, 2023; O'Byrne; Macpherson; Orser, 2024).

A análise filogenética do surto de 2022, associada ao clado africano ocidental, trouxe novos elementos para compreender a evolução da doença. Nesse sentido, a ausência de histórico de viagem para regiões endêmicas na maioria dos casos não apenas confirma a mudança no padrão de disseminação mencionada na introdução, como também sugere a necessidade imperativa de reconsiderar as estratégias tradicionais de vigilância epidemiológica, adotando uma abordagem mais abrangente e equitativa que considere múltiplos contextos de transmissão (Liu et al., 2023; Khan; Perveen, 2024).

Figura 1. I CONSIS

Tabela 1 Resultados encontrados pelos autores.

| **Autor/Ano** | **Principais Resultados/Achados** |
| --- | --- |
| Acharya et al. (2024) | O surto de 2022 afetou desproporcionalmente HSH, com transmissão principalmente durante contato sexual próximo, com 94% dos casos em homens, maioria HSH, tendo múltiplos parceiros sexuais e alta taxa de coinfecção com HIV. |
| Dudani et al. (2023) | No surto atual, quase todos os casos foram detectados entre homens, com maioria (96,6%) se identificando como HSH, com idade média de 34 anos, apresentando principalmente lesões anogenitais (90-94%) e periorais. |
| Khan; Perveen (2024) | O surto global de 2022 teve como principal população afetada HSH, com transmissão sustentada através de redes sexuais, representando uma mudança significativa no padrão epidemiológico histórico da doença. |
| Liu et al. (2023) | 99% dos casos de mpox ocorreram em homens, predominantemente HSH, com 65,7% apresentando lesões anogenitais, sugerindo transmissão durante contato sexual. |
| Liu et al. (2024) | Entre HSH, a disposição para receber a vacina contra mpox foi alta (77%), especialmente entre aqueles com múltiplos parceiros sexuais e usuários de PrEP. |
| Martín-Delgado et al. (2022) | O surto de 2022 afetou predominantemente HSH, com transmissão ocorrendo principalmente durante contato sexual próximo, apresentando frequentemente lesões na região anogenital. |
| O'Byrne et al. (2024) | Recomenda-se que HSH realizem testagem regular para mpox junto com outras ISTs, especialmente aqueles com múltiplos parceiros ou sintomas anogenitais. |
| Pinheiro; Bahia (2023) | Análise crítica das recomendações da OMS, identificando potenciais microagressões nas comunicações sobre mpox, especialmente na divulgação do percentual de 98% de casos em HSH e nas recomendações de abstinência sexual |
| Sharif; Dey (2023) | Revisão epidemiológica mostrando que homens foram os mais infectados (90-100% dos casos), com maior prevalência entre 30-40 anos e alta taxa (24-100%) de coinfecção com HIV |
| Thornhill, Gandhi; Orkin (2023) | Documentou a mudança no perfil epidemiológico, com redução de casos em HSH de 97% para 83%, idade mediana de 34 anos e transmissão predominantemente por contato físico/sexual |
| Vallée (2022) | Identificou relação entre uso de substâncias e comportamento sexual de risco, com HSH apresentando média de 17,4 parceiros sexuais e 40% relatando uso frequente de cannabis |

Fonte: Elaborado pelos autores.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente revisão integrativa evidenciou que o surto global de mpox em 2022 representou uma mudança significativa nos padrões epidemiológicos tradicionalmente observados, com uma concentração expressiva de casos entre homens que fazem sexo com homens (HSH). Esta distribuição demográfica particular, embora não caracterize a doença como exclusiva de qualquer grupo populacional, destaca a necessidade de estratégias de saúde pública que equilibrem a eficácia da prevenção com a proteção contra o estigma e a discriminação.

Os resultados demonstraram uma complexa interação entre determinantes sociais e comportamentais na transmissão da doença, incluindo a significativa coexistência de outras condições de saúde, como ISTs, presentes em 25-50% dos casos. A alta disposição para vacinação entre HSH (77,0%) evidencia o compromisso desta comunidade com a saúde pública, embora as disparidades regionais no acesso aos serviços de saúde permaneçam como um desafio significativo a ser superado.

Por fim, esta revisão aponta para a necessidade imperativa de desenvolver abordagens integradas e culturalmente sensíveis que considerem tanto os aspectos biomédicos quanto os contextos sociais específicos. A evolução do surto de 2022 demonstrou que estratégias efetivas de prevenção e controle devem ser fundamentadas em evidências científicas sólidas, mas também precisam incorporar uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e comportamentais que influenciam a transmissão da doença, garantindo assim uma resposta mais equitativa e eficaz em saúde pública.

**REFERÊNCIAS**

ACHARYA, A. et al. “Mpox in MSM: Tackling Stigma, Minimizing Risk Factors, Exploring Pathogenesis, and Treatment Approaches”. Biomedical journal, p. 100746–100746, 1 maio 2024.

ANTÔNIO, D.; MELO, G. As recomendações em saúde pública como microagressões: varíola dos macacos e populações LGBTQIA+. Cadernos De Saude Publica, v. 39, n. 10, 1 jan. 2023.

DUDANI, P. et al. Monkeypox (Mpox): Evolution of Transmission and Comprehensive Review. Indian Journal of Dermatology, v. 68, n. 6, p. 647–656, nov. 2023.

KHAN, G.; PERVEEN, N. Monkeypox: Past, Present, and Future. Advances in experimental medicine and biology, p. 1–20, 1 jan. 2024.

LIU, J. et al. Willingness to receive mpox vaccine among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. BMC Public Health, v. 24, n. 1, 15 jul. 2024.

LIU, Q. et al. Clinical Characteristics of Human Mpox (Monkeypox) in 2022: A Systematic Review and Meta-Analysis. Pathogens, v. 12, n. 1, p. 146, 15 jan. 2023.

MARTÍN-DELGADO, M. C. et al. Monkeypox in humans: a new outbreak, Revista Española de Quimioterapia, 6 jul. 2022.

O’BYRNE, P.; MACPHERSON, P.; ORSER, L. Approach to sexually transmitted infection testing for men who have sex with men. Canadian Family Physician, v. 70, n. 7-8, p. 449–455, jul. 2024.

SHARIF, N.; DEY, S. K. Epidemiology of mpox: Focus on men with HIV. Heliyon, v. 9, n. 11, p. e22129, 1 nov. 2023.

THORNHILL, J.; GANDHI, M.; ORKIN, C. Mpox: The Reemergence of an Old Disease and Inequities. Annual Review of Medicine, v. 75, n. 1, 3 out. 2023.

VALLÉE, A. Sexual behaviors, cannabis, alcohol and monkeypox infection. Frontiers in Public Health, v. 10, 17 jan. 2023.